



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CONRADO JENEVAIN BRAGA

"O ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL NA REVISTA *O TICO-TICO*"

Juiz de Fora

2016

CONRADO JENEVAIN BRAGA

"O ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL NA REVISTA *O TICO-TICO*"

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História

Juiz de Fora

2016

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo a análise do ensino informal da História do Brasil na revista infantil "O Tico-Tico", que circulou em nosso país durante 56 anos, de 1905 a 1961. O estudioso dos quadrinhos Moacyr Cirne afirma que não é possível que haja uma leitura inocente e nem livros ingênuos, até mesmo para o público infantil.¹ Segundo o autor, as histórias em quadrinhos, por exemplo, são sempre imbuídas de uma ideologia reacionária da classe dominante, escondida em fórmulas temáticas simplistas e redundantes. Através da análise das colunas de ensino de História do Brasil encontradas em "O Tico-Tico", busca-se, apoiando-se no argumento de outros autores e na reflexão do papel da Escola ao longo da primeira metade do século XX, desmitificar a imparcial imagem didático-pedagógica que gozou a revista no senso comum dos brasileiros durante o século XX, principalmente entre aqueles que foram leitores de "O Tico-Tico" quando crianças.

O texto se estrutura em três tópicos. Em um primeiro momento, há um breve panorama histórico a respeito da revista "O Tico-Tico", identificando os seus idealizadores, o tempo de circulação da publicação e os principais conteúdos abordados por ela. Em um segundo momento, há a apresentação das principais colunas especificamente voltadas ao ensino de História do Brasil publicadas na revista e selecionadas pelo autor deste trabalho. Por fim, o terceiro e último tópico é a conclusão da pesquisa.

Para a realização de tal estudo, diversos números da revista "O Tico-Tico" foram analisados através do mecanismo de consulta de periódicos digitalizados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O site oficial da biblioteca não autoriza a reprodução da revista, de modo que não foi possível utilizar imagens neste trabalho. Como fonte secundária, foi utilizada a Tese de Doutorado do estudioso da educação José Ricardo Oriá Fernandes, que abordou especificamente a literatura escolar para o Ensino de História na primeira metade do século XX. Quanto às obras que tratam diretamente do assunto abordado neste artigo, ou seja, uma visão crítica do conteúdo da revista, foi possível perceber uma grande escassez de produção acadêmica neste sentido, embora dois bons artigos tenham sido essenciais na pesquisa.

1 CIRNE, Moacyr. Uma introdução política aos quadrinhos. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

1. Sobre a revista "O Tico-Tico"

A revista infantil "O Tico-Tico" foi fundada pelo jornalista Luiz Bartolomeu de Souza e Silva (1866-1932) em 1905. Bartolomeu tinha a pretensão de ser o pioneiro na edição de uma revista voltada para o público infantil no Brasil. A publicação custava duzentos réis, uma quantia suficiente para comprar alguns pães nos primeiros anos da República. Além da revista, Luiz Bartolomeu também editava "O Malho", revista humorística que circulava no Rio de Janeiro desde 1902.

Na fundação de "O Tico-Tico", foi utilizada toda a estrutura do grupo "O Malho", o que contribuiu bastante para o sucesso da nova empreitada de Luiz Bartolomeu. Dentre os principais nomes que colaboraram para a revista em seus primeiros anos estão: Angelo Agostini (artista ítalo-brasileiro pioneiro na criação dos quadrinhos no Brasil), Vasco Lima, Lobão, Leônidas, J.Carlos, dentre outros. O nome da revista, que segundo relatos de Luiz Bartolomeu havia sido escolhido por acaso, ao se deparar com um pássaro Tico-Tico no viveiro de seu jardim, inaugura uma série de títulos simples e despretensiosos que marcariam as publicações infantis lançadas posteriormente por outros editores, como "O Mirim" de Adolfo Aizem e "O Gibi" de Roberto Marinho.

Um dos grandes destaques da revista, que chamou bastante atenção do público infantil a que se destinava, foi o uso das cores em suas publicações. Em um período onde boa parte dos jornais e revistas ainda careciam de recursos técnicos e, portanto, editavam em preto e branco, uma revista em cores possuía grande potencial de sucesso no mercado editorial brasileiro. Além das cores, as capas e a própria logomarca de "O Tico-Tico" eram bastante estilizadas, inspiradas na revista francesa "La Semaine de Suzette".

Um dos principais personagens de "O Tico-Tico", e talvez o mais famoso entre as crianças, era Chiquinho, inicialmente uma cópia idêntica do personagem "Buster Brown", de Richard Fenton Outcalt, pioneiro dos quadrinhos nos EUA. Chiquinho era um típico menino burguês, representante da classe dominante brasileira. Suas vestes aristocráticas e o cabelo louro, visual importado do original norte-americano, reforçava à que classe pertencia. Embora os leitores mirins da revista possam, a princípio, não ter se identificado com o visual do garoto, que mais parece ter saído de um episódio da revolução francesa, não foi difícil que tenham enxergado a si mesmos em Chiquinho, através da vida burguesa cotidiana que levava, ao lado dos pais, dos avós (também aristocraticamente vestidos) e de seu cachorro Jagunço, que, apesar do nome regionalista, mais parecia um cão de raça inglês. Quase sempre, "As Aventuras de Chiquinho", série em que o personagem aparecia, era na verdade uma lição cívica, em que o garoto falava sobre o escotismo ou ensinava virtudes como a tolerância racial (ainda que isso se desse de forma racista em alguns

momentos). Chiquinho, em várias publicações, é personagem central em lições de História do Brasil.

"O Tico-Tico" não editava apenas histórias em quadrinhos. A revista também publicava adaptações de contos com ilustrações, realizava concursos literários e de desenhos, lançava brinquedos para montar e publicava constantemente uma coluna denominada "Lições de Vovô". Esta coluna era uma das grandes oportunidades que a revista possuía para manifestar aquilo que possuía de "escola disfaçada", nos dizeres do poeta Carlos Drummond de Andrade. O "vovô", que na realidade era Carlos Manhães e mais tarde ocupou o cargo de editor-chefe da revista, dava verdadeiras lições de moral e instruções cívicas para as crianças, reproduzindo diversos aspectos da ideologia da elite dominante brasileira, como veremos adiante.

Esta discutível função pedagógica da revista manteve sua coerência por mais de cinco décadas de publicações. Contraditoriamente, foi exatamente este caráter lúdico um dos principais fatores para o seu enfraquecimento ao longo da primeira metade do século XX. Com a introdução das revistas em quadrinhos estrangeiras no país, editadas por brasileiros como Chateaubriand, Roberto Marinho e Adolfo Aizen, os personagens mirabolantes, heróicos e superpoderosos norte-americanos acabaram alterando substancialmente o gosto do público infantil brasileiro, que gradualmente perdeu o interesse nas tradicionais e pretensamente bem intencionadas historietas de "O Tico-Tico". A revista, que manteve o caráter didático-pedagógico até sua derradeira edição, enfrentou uma acentuada crise que culminou em seu fechamento no início da década de 60, encerrando cerca de 56 anos de uma formação cívica e moral que será estudada no próximo capítulo, com enfoque para sua orientação ideológica aplicada ao Ensino de História.

2. A História do Brasil na Revista

Uma das mais formas em que o ensino de História do Brasil se manifestava de maneira mais significativa em “O Tico-Tico” era através do fetiche pelas datas históricas, característica marcante não apenas da historiografia da primeira metade do século XX, mas também da concepção de História assimilada pelas Escolas públicas ou mesmo as privadas tradicionais da cidade do Rio de Janeiro e São Paulo. Em coluna publicada na edição especial do Almanaque “O Tico-Tico” de 1944, observa-se as datas históricas mais relevantes para que as crianças pudessem memorizar. São elas: o “descobrimento” do Brasil, Guerra dos Emboabas, Abertura dos Portos, Lei Áurea, Proclamação da República e outras, entre as quais imperam as datas em que assumiram presidentes republicanos.

Também digno de nota é o apego aos “heróis” da História do Brasil. Não faltam referências a personagens considerados “grandiosos” e “honrados”. Quase todos eles pertencem ao estereótipo do herói nacional: branco e membro da elite urbana. Na edição do almanaque de 1954, o destaque de uma página inteira é Diogo Feijó, considerado um “grande vulto”, embora não se explique exatamente por qual razão seja a ele atribuído este título. Nesta mesma edição, há uma rara referência a um personagem negro da História. Ele é considerado pela revista como um “(...) preto glorioso que merece o culto da sua gente, pelo muito que fez na memorável campanha de insurreição contra o domínio holandês”. A cor de Henrique Dias é, por sinal, a todo momento lembrada, como se este fosse um estigma superado pelo “herói” na construção de sua figura como um “grande da História”. Observamos isso no trecho: “Esse pernambucano heróico pode competir sem desdouro com o paradigma do valor romano dos velhos tempos. É o Mucio Scévola de cor preta, cujo ânimo pode servir de modelo aos mais esforçados e mais abnegados patriotas”.

Tocando na questão do negro, também vale a pena citar a maneira como a história dos escravos africanos era tratada na revista. Há poucas referências, mas uma delas é bastante relevante. Trata-se de uma versão em quadrinhos da história do quilombo dos Palmares, publicada em 1906. Somada a uma retratação imagética da figura do escravo extremamente caricata, que muito lembra o personagem Saci de Monteiro Lobato, está uma narrativa da insurreição dos quilombolas do Palmares como uma verdadeira comédia: “(...) os palmares (...) negrada mesmo bôa (...) vendo a coisa preta, concentraram-se na povoação mais forte e ali deram ainda nos brancos até o céu da bocca”. Há imagens dos negros apanhando e sendo jogados de precipícios e a cena final é uma quermesse em que os brancos comemoram a extinção do quilombo. A atitude dos brancos não é condenada pela revista.

Quanto ao índio, outro personagem muito marginalizado nos livros didáticos até os dias atuais, há uma breve menção a eles na coluna das Lições do Vovô. Após o retrato de um índio

vestido como um lorde inglês, há uma fala do editorialista em que procurar convencer as crianças a respeitá-los como homens “como nós” que “(...) não têm culpa de terem vivido muitos annos como selvagens”. O “vovô” ainda prossegue: (...) os índios do Brasil não são de índole cruel como o dos Estados Unidos. São geralmente bons, inteligentes, conhecem as virtudes das plantas, são habilidosos e se tiverem bons conselhos podem se tornar muito uteis”. Deixando claro que a assimilação do índio só poderia acontecer se eles se despissem do uniforme natural de selvagem (o que justifica a foto escolhida para estampar a coluna), o vovô finaliza: “Si cuidassem d’elles, poderíamos em pouco tempo contar com um milhão de creaturas auxiliando a marcha do Brazil para o progresso pelo trabalho”.

A revista também dá um testemunho importante a respeito do currículo de História do Brasil nas Escolas mais tradicionais, principalmente do Rio de Janeiro. Nas “Correspondências do Dr. Sabe Tudo”, a publicação informa às crianças o conteúdo cobrado nos principais exames de admissão para os colégios, públicos ou não. Interessante relato do cotidiano de uma escola pernambucana do período e, principalmente, do ensino de História nesta escola é um breve relato intitulado “As desculpas do Manduca”, publicado em 1918. De forma resumida, “Manduca” é o primeiro aluno da classe, considerado exemplo positivo para os outros, denominados “vadios”. O aluno inscreveu-se então em um dos concursos trimestrais de História do Brasil, mas fracassou, uma vez que não se recordava de todas as capitâneas hereditárias e o respectivo nome completo de seus donatários. O mais marcante nesse relato, provavelmente ficcional, mas ainda assim significativo, é que Manduca discutiu com o seu professor e arremessou o livro contra o chão, argumentando que o seu equívoco havia sido mínimo. Pelo ato de rebeldia, foi privado do recreio e recebeu advertência. O garoto, após algum tempo, acabou se desculpando com o Professor.

Conclusão

Assim se expressou Carlos Drummond de Andrade, em 1955, a respeito da revista:

O Tico-Tico era de fato a segunda vida dos meninos no começo do século, o cenário maior em que nos inseríamos para fugir à condição escrava de falsos marinheiros, trajados dominicalmente com o uniforme porém sem navio que nos subtraísse ao poderio dos pais, dos tios e da escola. E era também muito de escola disfarçada em brincadeira.²

Analisando o trecho acima, é possível concluir que o poeta modernista brasileiro possuía uma visão bastante romântica a respeito de "O Tico-Tico", visão esta compartilhada pelo escritor Ezequiel de Azevedo, que afirmou: "Muito mais do que uma revista voltada para o público infantil, sendo ingênua por natureza, 'O Tico-Tico' significou um marco na vida editorial do Brasil."³ Ainda que não haja dúvidas quanto a importância editorial da publicação, a interpretação inocente que ambos escritores transmitem com seus textos, no entanto, deve ser relativizada, e este foi um dos principais objetivos deste trabalho.

Segundo Nelson Jahr Garcia, a atuação social do homem é sempre determinada por sua consciência, que por sua vez é influenciada por ideias orientadoras, ou seja, ideologias⁴. Uma vez que esse direcionamento seja realizado pelos interesses da classe proprietária de um país, concretiza-se a submissão de diversos setores sociais a um pensamento dominante, que no caso estudado emanou diretamente do Estado. A propaganda ideológica encontrada nas páginas de "O Tico-Tico" se configurava assim como um mecanismo de definição das relações capitalistas, através do qual tornava-se possível, mesmo que para um público mirim, a cristalização de concepções que envolviam a diferenciação entre os detentores do meio de produção e os demais membros da sociedade. Esta ideologia se revelava principalmente nos valores defendidos pelo corpo editorial do jornal, através das instruções cívicas e das mensagens reacionárias "escondidas" nos principais quadrinhos da revista, como é o caso das "Aventuras de Chiquinho", que infelizmente não foram analisadas neste artigo pelo risco de torná-lo muito extenso.

A ideologia propagada pelo "O Tico-Tico" se dirigia a um tipo de público específico, alvo da revista. Não se tratava apenas de uma publicação voltada para a criança, mas para a criança da classe média, "(...) oriunda de uma família solidamente constituída, temente a Deus, respeitadora

2 AZEVEDO, Ezequiel de. O Tico-Tico: cem anos de revista. São Paulo: Via Lettera, 2005, p.3

3 Op citada, pg 61

4 GARCIA, Nelson. Op, cit.

dos valores pátrios, matriculada em instituições educacionais formais, com uma inteligência superior à média e submissa aos preceitos morais predominantes na sociedade brasileira (...)"⁵ Assim, nos primeiros anos da república, mas mais intensamente no Estado Novo, a revista procurou reforçar uma concepção ingênua da criança, que se apoiava na sabedoria dos mais velhos para que aprendessem modelos aceitáveis de comportamento que colaborariam para a manutenção do padrão social idealizado pelo Estado. Este é exatamente o foco do editorial "Lições do Vovô", estudado anteriormente.

Ainda que abrangendo um público limitado, a revista se direcionou para as crianças da classe média, filhas de uma elite de cujo apoio a elite econômica e política brasileira não poderia abrir mão. Através de "O Tico-Tico", progressivamente, os mecanismos de controle de imprensa do Estado Novo delinearão uma uniformidade de pensamento que, atingindo inicialmente o público mirim, ia gradualmente alcançando outras instâncias da sociedade, chegando à família e à escola, através da reprodução oral ou pela própria leitura da revista por adultos e pessoas mais velhas, como é o caso de Rui Barbosa, leitor assíduo de "O Tico-Tico". Dessa forma, todos os leitores passavam a se enquadrar nos mesmos princípios e valores da revista, estes por sua vez ditados por órgãos do Estado. Assim eram mantidas e reproduzidas as relações de exploração e dominação de governos onde, segundo Drummond:

existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro, o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos, o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas, (...) o medo dos ditadores, o medo das democratas, (...) o medo da morte, e o medo de depois da morte, depois morreremos de medo e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.⁶

5 VERGUEIRO, W. C. S. ; SANTOS, Roberto Elísio dos . A postura educativa de O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. *Comunicação & Educação*, v. 13, p. 23-34, 2008. p.31.

6 ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Ezequiel de. **O Tico-Tico: cem anos de revista**. São Paulo: Via Lettera, 2005.

CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

GARCIA, Nelson J. **O Estado Novo: Ideologia e Propaganda Política. A legitimação do estado autoritário perante as classes subalternas**. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

GERTZ, René E. Estado Novo: Um Inventário Historiográfico. In: SILVA, J.L.W. (Org.). **O Feixe e o Prisma. Uma Revisão do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991, v. 1, p. 111-131.

HANSEN, P.S. **Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República**. 2007. 243 f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo.

JÚNIOR, Gonçalo. **A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LAUERHASS JÚNIOR, LUDWIG. **Getúlio Vargas e o triunfo do nacionalismo brasileiro**. São Paulo: Editora da USP, 1986.

MOYA, Álvaro de.(Org.). **Shazam!** Coleção Debates/Comunicação. São Paulo: Perspectiva, 1977.

VERGUEIRO, W. C. S. ; SANTOS, Roberto Elísio dos . A postura educativa de O Tico-Tico: uma análise da primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos. **Comunicação & Educação**, v. 13, p. 23-34, 2008.